

Sentidos e estratégias para superação de barreiras em escolas privadas entre estudantes bolsistas na cidade do Rio de Janeiro

*Pedro Henrique Barboza Machado*¹

O artigo analisa dificuldades de estudantes bolsistas que cursam o ensino médio em duas escolas privadas do Rio de Janeiro, bem como as estratégias para superá-las. Usando como referencial teórico estudos no campo da sociologia da educação, bem como as contribuições de Norbert Elias sobre a interação entre diferentes grupos, afirmo que essas dificuldades, as quais denomino barreiras, se constituem como “meios de controle social”. A partir da análise empreendida das entrevistas realizadas com esses estudantes, destaco nas trajetórias dos jovens uma inteligência institucional e um grau elevado de identificação com as escolas.

Palavras-chave: sentidos, barreiras, estratégias, trajetórias escolares, sociologia da educação.

Senses and Strategies for Overcoming Barriers in Private Schools among Scholarship Students in the City of Rio de Janeiro analyzes the difficulties faced by high school scholarship students in two private schools in Rio de Janeiro, as well as the strategies to overcome them. Using studies in the field of the sociology of education, as well as Norbert Elias' contributions on the interaction between different groups, as a theoretical framework, I affirm that these difficulties, which I denominate as barriers, constitute “means of social control”. Based on the analysis undertaken from the interviews with these students, I highlight an institutional intelligence and a high degree of identification with the schools in the trajectories of the youngsters.

Keywords: senses, barriers, strategies, school trajectories, sociology of education.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Uerj; Mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ. Atualmente é professor de Sociologia para turmas do Ensino Médio na rede privada de ensino do Rio de Janeiro. Email: pedro.barbozamachado@gmail.com

Introdução

O presente escrito discute as dificuldades vivenciadas por três estudantes bolsistas que cursam o ensino médio em escolas privadas. Busca-se identificar os sentidos atribuídos a elas e analisar as estratégias para superá-las. Essas dificuldades, que qualifico como barreiras, muitas vezes são sinais de que nas escolas privadas em que eles estudam imperam modos de conduta e valores que diferem sobremaneira daqueles a que estão acostumados em outras realidades de suas vidas, como seus lares e ambientes de lazer. Mesmo com essas barreiras, os jovens produzem estratégias para superá-las, tendo em vista o retorno para suas vidas que a permanência na instituição escolar pode significar.

Este trabalho insere-se no âmbito de uma pesquisa mais ampla, ainda em andamento, cujo objetivo é analisar experiências de estudantes bolsistas que cursam a etapa do ensino médio em duas escolas privadas na Tijuca, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Os três casos aqui discutidos, de Paulo, Vanessa e Luan², foram obtidos a partir de entrevistas compreensivas (KAUFMANN, 2013) realizadas com os jovens e seus responsáveis entre julho e setembro de 2019. Paulo estuda em uma escola diferente daquela em que Vanessa e Luan estudam juntos. As duas escolas têm em comum o fato de serem privadas e suas mensalidades serem superiores a R\$2.000.

O recurso da entrevista compreensiva foi escolhido por ser uma estratégia metodológica que vai ao encontro dos objetivos desta pesquisa. Se esses passam por compreender os sentidos atribuídos pelos estudantes às interações construídas em suas escolas, a escolha das entrevistas faz sentido pois, a partir delas, acessa-se individualmente toda uma série de análises feitas pelos jovens (e seus responsáveis) sobre suas experiências. O momento da entrevista é rico porque, sendo seus protagonistas, os entrevistados têm a chance de explicar, analisar e até mesmo problematizar uma série de questões levantadas pelas entrevistadoras.

Vale salientar uma condição que, para além de serem bolsistas em escolas privadas, une os três jovens interlocutores deste trabalho; o fato de que todos são moradores de favela. Isso não era uma exigência metodológica no início da pesquisa. Contudo, essa informação deve ser levada em conta, pois caracteriza-se como mais um fator que os diferencia dos demais estudantes, majoritariamente de classe média, de suas escolas.

Desde a década de 1990, as produções acadêmicas do campo da sociologia da educação têm dedicado atenção ao ingresso nas universidades brasileiras de estudantes de camadas populares, fenômeno esse percebido de maneira destacada em nossa sociedade nas últimas décadas. Pelo espaço universitário não ser historicamente acessível por esses estratos populares, muito se tem pensado e escrito a respeito. Pode-se admitir que a discussão se concentra em explicar o sucesso escolar³ de determinados agentes das camadas populares a partir de interseções entre suas histórias de vida e o processo

² Todos os nomes presentes nos três casos são fictícios.

³ “Sucesso escolar” aqui é entendido como o indivíduo tendo uma vida estudantil mais longa do que os dados sobre sua realidade socioeconômica permitem imaginar. Os trabalhos de Portes (1993), Vianna (1998), Piotto (2007) e Souza e Silva (2018) podem ser tomados como referências para se pensar a questão de sucesso escolar nas camadas populares.

socializador empreendido sobretudo pela família. Contudo, refletir sobre a relação entre estratos populares com camadas superiores de nossa sociedade no mesmo ambiente escolar, durante as etapas da educação básica, é um empreendimento não muito explorado por recentes trabalhos.

O mecanismo de bolsas de estudos, que permite jovens acessarem escolas de classe média, é uma boa vereda para tensionar e problematizar essa relação. Para realizar a empreitada intelectual que este trabalho se propõe, serão acionadas contribuições do campo da sociologia da educação, bem como as formulações do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) sobre “meios de controle social” e o conceito de “sentido”.

Dessa maneira, nas três seções que se seguem, serão apresentados brevemente os casos dos três jovens bolsistas. Em seguida, serão analisadas as barreiras percebidas por eles nos espaços escolares, bem como suas estratégias para superá-las. Assim, poderemos, à luz das teorias citadas, amplamente aceitas no campo sociológico, destacar algumas características relevantes dos perfis estudantis dos jovens aqui apresentados, tal como suas inteligências institucionais e a identificação para com suas escolas.

Paulo: o desencaixado.

Paulo tem 17 anos e mora na favela da Mangueira, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, com sua mãe e seu padrasto. No momento da entrevista o jovem cursava o último ano do ensino médio e era estudante de sua escola há 7 anos. Paulo conseguiu a bolsa de estudos pois sua mãe trabalhava na escola em serviços administrativos. Mesmo com a saída da mãe, Paulo prosseguiu seus estudos na instituição.

Paulo se autodenomina um “desencaixado”. A sensação de “desencaixe” se dá sobretudo em função sua não identificação com os valores e padrões de comportamento nos grupos em que está inserido. Dois grandes grupos permeiam sua vida: o grupo de pessoas com as quais se relaciona na favela e o grupo de estudantes de sua escola privada. Sobre o último, a justificativa básica para sua falta de identificação é o incômodo que diz sentir sobre a “gourmetização da pobreza”. Instigado a desenvolver essa ideia, Paulo explica:

– Eles acabam criando uma cultura que não é deles, uma cultura que eles pegam, que eles só acham o melhor, as partes boas de ser pobre. Eles pegam e usam pra eles, quando as partes ruins eles simplesmente deixam, ignoram, ou tomam as dores que não são deles, acham que fazem parte de uma coisa que eles não são de verdade. Então isso é coisa que me incomoda bastante. Principalmente na questão da própria fala. Porque a minha mãe sempre brigou comigo com a questão das gírias. E as pessoas de lá podem falar gírias e eu não posso. Eu sou mais julgado por falar gíria do que outras pessoas. Porque eu sou morador de favela. Então isso é uma questão que me deixou sempre muito chateado.

Dois elementos se destacam nessa análise feita por Paulo. O primeiro diz respeito à incorporação feita pelo grupo de classe média de comportamentos provenientes de grupos

da classe popular sem que haja uma criticidade ao fato. Como Paulo deixa explícito, “eles” só pegam a parte “boa”. Em outro momento da entrevista deixa claro o que é a “parte boa de ser pobre”: ouvir samba e rap, “tomar uma cervejinha” e “jogar uma pelada⁴”. No entanto, a crítica de Paulo é direcionada justamente ao fato de seus colegas de classe média somente valorizarem uma parte do que é, em seu entender, ser pobre. O jovem fala que ao passo em que a reprodução desses hábitos é valorizada pelo grupo mais abastado, não se olha com atenção para a realidade dos perigos de se viver em uma favela. De acordo com o jovem, “não é legal ser pobre, não é legal você morar em uma favela e ficar no meio de uma troca de tiro, não é legal você ficar entre dois poderes, não é legal sua mãe ficar preocupada com você pra saber se você tá vivo ou se tá morto”.

Aos olhos de Paulo, essas realidades são apagadas pela assimilação e reprodução ingênua de comportamentos identificados como “de favelado” pelos colegas da escola privada. Por mais que o ato possa ser igual objetivamente – seja o de vestir as mesmas roupas, escutar as mesmas músicas e falar de determinada maneira –, Paulo diz que “eles roubaram isso de outras pessoas”. O cerne de seu descontentamento ocorre pois os jovens de classe média reproduzem hábitos sem “entenderem de verdade, porque eles não moram aqui para entender, não sabem”. Curioso notar que nesse ponto Paulo valoriza ser morador da favela justamente por isso lhe propiciar a condição necessária para entender e, conseqüentemente, poder agir e falar de determinada maneira – possibilidade que seus amigos da escola privada não usufruem, de acordo com sua avaliação, porque não residem na favela e, portanto, “não sabem”.

Outro ponto mencionado por Paulo é a relação com a linguagem, mais especificamente na questão de falar gírias. Paulo entende que seus colegas da escola privada podem falar gírias mais livremente e sem um peso do julgamento externo, se comparado quando ele próprio as fala. A justificativa para essa avaliação pode começar a ser entendida quando observado o processo de socialização de Paulo, onde sua mãe, Maria, fazia sucessivos esforços para que Paulo não falasse gírias. De fato, em determinado momento da entrevista do jovem – que a mãe acompanhou – Maria disse ficar incomodada quando o filho fala muitas gírias. Paulo rememorou também uma apresentação de trabalho da escola, onde muitos pais estavam presentes, na qual se sentiu extremamente julgado por ter falado muitas gírias. Nessa mesma apresentação de trabalho havia um colega que tinha falado anteriormente a ele, que não era bolsista e nem morador da favela, e que também usou muitas gírias, mas para ele os olhares de julgamento não foram lançados, segundo a percepção de Paulo.

A indicação de não falar gírias por parte de Maria pode ser entendida como uma estratégia para que o filho faça um uso mais formal da língua. É possível tecer relações entre essa indicação para evitar “falar gírias” e os desejos que Maria guarda para o futuro do filho – desejos esses manifestados claramente por suas falas quando diz que é missão do seu filho ser um “doutor”.

⁴ Expressão popular usada no Rio de Janeiro para designar jogo de futebol.

Outra barreira evidenciada por Paulo na relação com seus colegas é ele nunca os ter convidado para sua casa. O contrário acontece, Paulo afirma já ter ido à casa de amigos várias vezes. Porém, diz não se sentir confortável e nem consegue imaginar levando amigos para sua casa.

O maior aprendizado que Paulo leva dos 7 anos em que estudou na escola privada foi o fato de “saber agir” com as pessoas de uma classe social diferente da sua. Aprofundando a reflexão, Paulo exemplifica esse aprendizado em algumas ações e comportamentos muito específicos, como: “não poder falar gírias, embora eles falem”, “ser mais recluso”, “se expressar menos com o corpo”, “ser mais tranquilo e parado”. O lucro em saber se comportar desse jeito vem de que “você precisa saber conviver com as pessoas dessa classe social” porque “a universidade, os trabalhos e tudo que requer uma carteira assinada, você tem que agir de forma como uma pessoa de classe mais alta age”.

Vanessa: quebrando ciclos

Vanessa é uma jovem residente no Morro dos Macacos, favela da Zona Norte do Rio de Janeiro. Além dela, habitam em sua residência a mãe, seu irmão mais novo e o padrasto. Ela cursa o 3º ano do ensino médio. Vanessa conseguiu a vaga em sua atual escola, onde está há três anos, por meio de um instituto que capta estudantes com boas notas em escolas públicas e os oferece bolsas de estudos em algumas escolas da cidade do Rio.

A experiência de Vanessa na escola privada é qualificada por ela como um ponto fundamental em sua trajetória, que lhe proporcionou o “crescimento como pessoa, como indivíduo”. Esse “crescimento” pode ser entendido tanto pelo fato dela ter outras ambições que divergem daquelas de seus colegas da escola pública (Vanessa diz que “hoje eu sonho muito mais”), como por uma mudança no olhar da jovem para os processos sociais nos quais ela está inserida. Isso é fruto, segundo ela, do acesso que teve aos estudos na escola privada. Ela diz que “a escola do Estado não exige muito de você”, ao passo que a privada sim. A pedagogia de sua escola privada é sabidamente voltada para os exames de vestibular, tendo as aulas caráter preparatório. Além disso, Vanessa diz que sempre teve que “correr atrás” das matérias por conta das defasagens conceituais que tem, consequência de sua passagem pela escola pública. Segundo a jovem, tem que ir galgando “degrau por degrau”, porém ela própria atesta que em sua trajetória escolar “alguns degraus” ficaram faltando.

Esse esforço da jovem para o estudo deve ser compreendido para além de uma “vontade pessoal” ou mesmo de uma “vocação inata”. No caso de Vanessa, o estudo sistemático e rigoroso, tanto na escola como em casa, faz parte da principal estratégia por ela adotada a fim de tentar se igualar aos estudantes da escola privada. Sobre esse ponto, Vanessa não deixa dúvidas quando fala: “não tenho deficiência cognitiva, então não é minha classe social que vai fazer diferença, muito pelo contrário. Se eles têm mais recursos do que eu, eu tenho que me esforçar mais do que eles”.

O entendimento de Vanessa de que pertencia a outra classe social estava na raiz de suas preocupações quando entrou no sistema privado de ensino. Revela que tinha “medo de não ser aceita”. Contudo, o estudo disciplinado e metódico surge nesse cenário enquanto uma estratégia para “mostrar o seu valor”. Ela diz que, quando entrou na escola, aqueles que não eram bolsistas a olhavam “de cima para baixo”. Hoje diz que o panorama se modificou em decorrência do seu esforço e dedicação.

A jovem analisa criticamente o espaço da escola privada ao qual tem acesso. Certas atitudes dos estudantes da escola privada podem ser interpretadas como indicações de que, naquele espaço, existem padrões de comportamento que Vanessa não compartilha. Segundo ela “coisas bobas para eles, mas pra mim muito interessantes”. Percebe que “todo mundo tem iphone, até as criancinhas” e que diariamente grande parte dos estudantes lancha em lanchonetes caras fora da escola. Outro exemplo dado pela jovem sobre momentos em que percebe um outro jeito de viver e de lidar com as coisas – e com os custos – são os encontros marcados pela “galera”. Muitas vezes sugerem restaurantes com altos preços, deixando Vanessa em uma situação desconfortável. Ela diz que, quando informa ao grupo de amigos que não conseguirá ir, todos acham que está “fazendo desfeita”. A justificativa, porém, passa pelo impacto que uma saída como essa significa para seu orçamento.

Um ponto a ser destacado nessa relação entre Vanessa e os colegas da escola privada são as idas às casas dos estudantes não bolsistas. Vanessa diz que nunca levou um colega para sua casa, embora já tenha ido bastante vezes para casa de colegas não bolsistas. Nesses espaços muitas vezes tem contato com uma estrutura física do lar que a impressiona. Ao longo da entrevista relatou de maneira bem-humorada a ocasião em que, almoçando na casa de uma colega, comeu um queijo ralado que “derretia na boca”. Vanessa considera “muito boa” a experiência de ir às casas das amigas que não são bolsistas. Quando instigada a pensar o que aconteceria se elas é que fossem à sua casa diz:

– Eu não levo. Não mesmo. Primeiro que a mãe delas não vai deixar. Medo de dar tiro. Segundo que eu não vou querer, não vou me sentir à vontade, não vou ficar legal. E acho que eles achariam que eu ia ficar sem graça também. Quando acontece de ir na casa de um bolsista pra fazer trabalho, geralmente o grupo é de bolsistas.

Durante suas respostas na entrevista, demonstrou ser uma jovem combativa, que participa ativamente de todos os tipos de debates que possam surgir na escola. Contudo, nem sempre sua voz tem espaço e ela precisa se calar. E o silêncio é consequência de seu entendimento de que a sua voz, e a voz da classe na qual está inserida e representa, já é sistemática e historicamente calada por estruturas maiores. Ela fala: “Eu calo, porque é como se eu já tivesse calado. É como se o Estado me calasse.” A saída para esses momentos é o estudo, sempre o estudo. Vanessa afirma que sobre essas questões que demonstram a desigualdade existente “é algo que só se combate estudando, é algo que você guarda na hora, a raiva é bom porque aí te ajuda a estudar mais, é algo que só o estudo pode dar”.

Luan e as “desigualdades universais”

Luan cursa o 3º ano do ensino médio, tem 18 anos e reside na favela do Salgueiro, Zona Norte do Rio de Janeiro. O jovem mora somente com sua irmã mais velha, que é o familiar que mais acompanhou seus estudos ao longo de sua vida. O jovem adquiriu a bolsa de estudos que lhe dá oportunidade de estudar em uma escola privada por meio de um processo seletivo realizado por uma associação educativa. Até entrar em sua atual escola, onde está há três anos, estudava em uma escola pública.

Luan afirma ser bem entrosado em sua escola e contar com um sólido grupo de amigos. Esse grupo é formado tanto por estudantes bolsistas quanto por não bolsistas. Entretanto, mesmo com o tratamento afável no decorrer do dia a dia, existem momentos, gestos e ações que servem para lembrar-lhe de que ali, naquela escola privada, existem outros padrões de comportamento e visões de mundo.

Luan afirma que existem “coisas que não dá pra conversar na escola”. É curioso notar que essa frase surge logo após o jovem ter afirmado que foi um engano pensar, quando entrou na escola no 1º ano do ensino médio, que ficaria isolado. Ao mesmo tempo em que aponta ter sido um erro considerar que as “pessoas ricas” não seriam receptivas e que ficaria isolado, há determinados tipos de conversa que o isolam – e também podem isolar o seu grupo, a depender de quem esteja naquele momento. Luan afirma que caso indagasse, depois das férias, para onde as pessoas de seu colégio foram, ouviria destinos na Europa, ao passo que a ele somente restaria afirmar que jogou bola todos os dias. Não encontrando muitas palavras, resumiu seu sentimento de maneira breve: “sei lá, às vezes é meio desconfortável”.

Além da pergunta sobre os destinos nas férias, Luan fala também de outras realidades que em seu entender expõem as desigualdades existentes em seu universo escolar. O jovem fala na questão das vestimentas. Para ele muitas vezes a “arrogância das pessoas” é revelada na valorização da forma como alguém se veste. No entanto, nada disso é falado pelas pessoas. Assim como tantas outras realidades sociais que marcam a diferença entre grupos, Luan afirma que ninguém nunca chegou na sua frente e criticou seu tênis ou camisa. Porém, como ele mesmo diz,

É difícil a pessoa falar na sua frente. Eles não expõem a opinião assim, não chegam em você, não conversam com você, não tem essa intenção. Porém entre eles eu tenho certeza que conversam, falam sobre isso, buscam ir pra escola com o melhor tênis, a melhor roupa pra mostrar mesmo.

Mediante uma situação muito específica vivida pelos estudantes na época em que a entrevista foi feita, Luan relatou mais um caso em que a desigualdade e a “falta de consciência” das pessoas ficaram nítidas para ele. O jovem fala que os estudantes não contam com um micro-ondas para que possam esquentar a comida que alguns levam para a escola. Isso se torna imperativo uma vez que as aulas duram o dia todo, até o final da tarde. O incômodo de Luan surge quando, aqueles que não precisam do micro-ondas

porque têm condições financeiras para almoçarem fora, não querem entrar em uma contribuição coletiva para que os estudantes adquiram o equipamento. Luan chega à conclusão: “Elas [pessoas que não levam marmita e almoçam fora da escola] não entendem a situação financeira e social que outras pessoas vivem. Elas acham que o mundo é o mundo fechado que elas vivem. Elas não notam essa diferença.”

Vale ressaltar que Luan também percebia desigualdades em seu colégio público. Contudo, as desigualdades ali percebidas eram “desigualdades entre os próprios pobres.” A partir da experiência em uma escola privada proporcionada pela bolsa de estudos, Luan teve contato com, de acordo com suas palavras, “desigualdades universais”. Contudo, como Luan mesmo indica, há que se ter atenção para conseguir captar essas realidades, uma vez que se trata de “coisas sutis, que na verdade não são sutis, mas... se você tiver visão para aquilo você vai ver o quanto aquilo é grave”.

Luan descreve outra situação em que diz ter “sentido na pele” a desigualdade existente na escola. Relata que em certa ocasião participava de um jogo de futebol quando envolveu-se em uma briga. No seu entender, havia uma expectativa de que ele fosse ficar calado, dada a sua condição de vulnerabilidade na escola por ser bolsista. Contudo, não se calou e denunciou o que achava estar errado na situação, explicando à coordenadora o porquê de ter entrado na briga. De acordo com suas palavras: “Eles acharam que claramente eu me calaria por ser bolsista, ou teria medo de enfrentá-los naquele ambiente por ser bolsista, ou por ser pobre, ou por ser negro”.

Todo esse cenário de “desigualdades universais” muitas vezes pode apontar para Luan que aquele colégio privado não seria o seu lugar. Mesmo assim ele diz não se abalar muito e que se ali não era o seu lugar, “a partir de hoje pode ser”. Diz também que tem quer ser forte, “independente de qualquer coisa”. Mesmo que a lágrima caia, eu tenho que estar de pé. Posso estar triste por dentro, mas tenho que estar sempre em vigor e lutando”. É desse modo, convivendo lado a lado com “desigualdades universais” e “de pé” que o jovem vai tentando resolver os conflitos que surgem à sua frente para, quem sabe, conhecer aqueles lugares que hoje só vê pelos livros.

Resultados

A partir dos relatos destaco dois eixos para análise: as barreiras materiais e simbólicas que os jovens afirmam perceber a partir de suas vivências nas escolas privadas, e as estratégias adotadas para vencê-las e dar prosseguimento aos estudos. A relação intrínseca entre os sentidos que dão a essas barreiras e as estratégias utilizadas para transpô-las não conseguirá ser feita se não admitirmos que esses jovens têm na escola um importante referencial para seus processos de socialização. Antes disso, porém, deve-se estabelecer com nitidez o que o presente trabalho entende pela categoria “jovens” e de quais maneiras os resultados obtidos a partir das entrevistas dialogam com contribuições solidamente aceitas no campo.

Pierre Bourdieu destacou que, embora seja um dado biológico, a idade é algo manipulado e manipulável (BOURDIEU, 1983). Com isso, destaca-se o caráter eminentemente social dessa condição em nossas vidas. Não é possível pensar em juventude somente no singular. Tal abordagem pressuporia uma homogeneidade da realidade social e das experiências que dela emergem, o que não existe. Assumo a perspectiva analítica e ética de encarar a categoria de “jovem” enquanto um “sujeito social” (CHARLOT, 2000, DAYRELL, 2003). Ou seja: levo em conta que meus entrevistados se constituem enquanto jovens a partir das possibilidades e dos recursos sociais e históricos que estão ao seu alcance. Ademais, também considero que ao adentrar o espaço institucional da escola esses jovens já trazem consigo uma série de aprendizados calcados em suas histórias de vida que dialogam de alguma maneira com as experiências vividas na escola. Posto isso, não parece descabido afirmar que dizer “jovens” é referir-se a maneiras possíveis de viver essa condição.

A partir dessa perspectiva pode haver uma ruptura com imagens solidamente aceitas pela sociedade sobre o que deveria ser jovem. Juarez Dayrell (2003) explicita isso de modo muito cristalino quando destaca algumas visões arraigadas socialmente sobre a etapa da juventude. O autor afirma que esse momento é encarado como um espaço de transitoriedade, do vir a ser alguma coisa no futuro. Também é encarado como o momento da liberdade total, do “ensaio e erro”. Outro lugar comum que pesa sobre os jovens é serem hedonistas, primando por uma irresponsabilidade que muitas vezes se consumará em um momento de crise com as famílias.

Quando observamos os casos de Paulo, Vanessa e Luan, pode-se afirmar que muitas dessas visões estereotipadas caem por terra. De fato, há nos jovens grande preocupação com o futuro – preocupação essa que estará na base de suas escolhas para permanecerem nas escolas a despeito das dificuldades. Todavia, essa preocupação não os impossibilita de viver a fase da juventude enquanto um tempo em si e não como um momento de transição, entre o que eles já foram e o que eles podem vir a ser. Além disso, não se percebe em nenhum caso as características de confronto familiar e de irresponsabilidade para pautarem suas ações. Pelo contrário, todos os movimentos feitos por esses jovens no campo escolar e em domínios mais amplos de suas vidas prezam por um cálculo detido e preocupado com as consequências.

Muitas vezes essa avaliação de uma juventude despreocupada, hedonista, que só está disposta a viver sem observar as consequências, é alicerçada em um entendimento pautado por hábitos e valores das classes médias para viver essa condição. Quando olhamos para camadas populares, a realidade é outra⁵.

Ao realizar um estudo sobre juventudes, a questão central do pesquisador é observar em torno de quais referências institucionais (e aqui refiro-me não somente àquelas tradicionais) os jovens constroem referências. No caso do presente estudo, a escola é uma delas. Esse é um ponto que merece destaque, pois a instituição escolar perdeu sua

⁵ Note-se que nos estudos sobre camadas populares com êxito escolar, uma constância também é a presença do trabalho remunerado já nessa fase da vida. Entretanto, tal realidade não foi observada nos casos aqui analisados.

feição tradicional no que concerne aos processos de socialização. No modelo consagrado, considerava-se a escola enquanto uma instituição que agia ativamente no indivíduo, no sentido deste interiorizar certa ordem a partir de diretivas dadas pela própria escola. Atualmente a escola perde esse status, porque muitas vezes não sabe traduzir para si as tensões que operam entre o mundo escolar e o mundo dos jovens. É a partir dessa premissa que François Dubet desenvolve a ideia de “desinstitucionalização” (DUBET, 1998; 2003).

Dubet aponta que atualmente a questão da socialização tem muito mais relação com como os indivíduos articulam e constroem para si um “sentido de experiência” a partir da multiplicidade de orientações às quais são confrontados. Dessa forma, nem todos os estudantes se subjetivam tendo a escola como referência principal. Aqueles que assim conseguem se percebem como autores de suas trajetórias escolares, havendo uma convergência entre seus interesses pessoais e os estudos. Eles se constroem e se realizam nos estudos realizados dentro da escola.

É justamente essa convergência entre as aspirações individuais e os estudos que existe nos três casos analisados. Os jovens em questão dão credibilidade às suas escolas e aceitam nelas permanecerem e tecerem redes de sociabilidades porque o estudo propiciado por essas mesmas instituições pode municiá-los para almejar seus sonhos. Entretanto, o caminho não vem sem dificuldades. Há momentos em que os jovens bolsistas se dão conta da existência de padrões e valores que diferem muito daqueles que estão acostumados em outros ambientes também importantes para suas socializações, como o de suas famílias ou de seus lares. É como se essa barreira servisse para lembrar que na escola privada trata-se de um outro mundo. Mesmo assim, desenvolvem algumas estratégias para que essas barreiras sejam vencidas.

Antes de entrarmos na análise mais específica sobre essas barreiras, é necessário sublinhar que estamos a tratar neste ponto da “relação com o saber” que os indivíduos constroem para si mesmos (CHARLOT, 1996). Para compreender do que se trata tal “relação”, o pesquisador deve pautar sua análise sobretudo a partir do sentido que a escola possui para os jovens. Bernard Charlot defende que essa discussão deve até mesmo anteceder àquela que diz respeito sobre as “competências” a serem desenvolvidas na escola. Não que essas competências sejam menos importantes, mas sim porque elas só serão desenvolvidas caso a escola e o fato de aprender signifiquem algo para os jovens.

O autor francês lança mão de duas categorias fundamentais. Charlot diz que o indivíduo pode estar mobilizado na escola e em relação à escola. Estar mobilizado “na” escola significa investimento no estudo. Já a mobilização “em relação à” escola diz respeito ao indivíduo ver sentido ao ato de ir à escola. Importante sublinhar que um pode acontecer sem o outro. Nos casos aqui analisados percebemos tanto uma mobilização dos indivíduos na escola quanto em relação à escola. Desse modo, acredito que a relação com o saber desses jovens prima por um sentido construído a partir de suas avaliações sobre o retorno positivo que o fato de se engajarem tanto “na” escola como “em relação à” escola pode significar para suas vidas. É essa valorização que oferece o sustentáculo para entendermos

o porquê de eles aceitarem transpor as barreiras que percebem em seus cotidianos escolares.

Dessa maneira, para analisarmos as interpretações dos jovens sobre as experiências proporcionadas pela bolsa de estudos, é fundamental olharmos também para a relação que esses mesmos jovens desenvolveram com o ambiente escolar. Certamente essa relação – e sobretudo as análises produzidas a partir dessas relações e vivências – é atravessada por muitas outras. Aqui chamo atenção para aquelas construídas em seus locais de origem. Embora não fosse exigência do recorte metodológico da pesquisa, os jovens entrevistados nasceram e foram criados em favelas do Rio de Janeiro. Esse dado é importante porque muitas análises dos jovens sobre experiências vividas nas escolas particulares eram construídas a partir de comparações ou usando referências a valores e hábitos percebidos nas favelas onde moravam.

Não à toa a expressão “dois mundos”, “duas realidades”, foram tão constantes nas entrevistas. O que está por trás dessa ideia? Ao mencionarem isso, os jovens queriam dizer que em suas escolas tinham contato com realidades muito distantes daquelas percebidas em seus locais de origem, fazendo com que produzissem neles o sentimento de estarem em um local tanto físico quanto emocionalmente (no que diz respeito aos hábitos e valores) distante daquelas a que estavam acostumados em suas residências.

Uma realidade une os casos de Paulo e de Vanessa destacadamente. Ambos os jovens tiveram uma socialização marcada por uma “blindagem” dos responsáveis para com seus locais de origem. Tomo de empréstimo expressão cunhada por Jailson de Souza e Silva (2018) quando se colocava a questão de estudar trajetórias exitosas de moradores do Complexo de favelas da Maré/RJ que chegaram à universidade. O autor chamou atenção para uma estratégia empreendida pelos pais desses jovens que buscavam distanciar os filhos do “mundo da rua”. Com isso, promoviam mais momentos em casa ou em ambientes fora da favela para os jovens viverem experiências de socialização. É importante destacar que tal “estratégia” não significa necessariamente uma valorização dos estudos. Contudo, é um indicativo importante quando se leva em conta trajetórias escolares de jovens advindos de camadas populares e moradores de favela que veem um sentido positivo nos estudos e ao fato de se ir à escola.

Existem alguns exemplos nas entrevistas que vão ao encontro dessa análise. No caso de Vanessa, percebe-se uma estratégia da mãe de não permitir que circulasse livremente nos ambientes da favela. Eventualmente, quando a filha ia na casa de uma amiga, era com sua permissão, jamais deixando-a “livre” pela rua. Observando as entrevistas de Paulo e de sua mãe, também temos um caso no qual fez parte das estratégias familiares a blindagem do mundo da favela nos momentos de socialização do jovem. Nesse caso específico, para além de sua mãe não querer que Paulo circulasse pelos ambientes da favela – porque no entender materno desse jeito “é muito mais fácil levar os adolescentes para os caminhos paralelos” – fazia questão de ocupar o tempo do filho com a máxima quantidade de atividades ao longo da semana, e aos sábados e domingos planejava passeios fora da favela.

Algumas avaliações feitas por Paulo e Vanessa sobre os indivíduos com que têm contato nos lugares onde moram são semelhantes. Paulo se diz incomodado com certas realidades percebidas em seu local de origem, como a pouca valorização dada aos estudos e o desejo dos jovens de se inserirem rapidamente no mercado de trabalho, muitas vezes em postos subalternos e vulneráveis. Vanessa segue esse caminho e diz que fica “triste” ao comparar os seus desejos para o futuro com os desejos de seus amigos da escola pública e moradores de sua favela. Ela nota que, antes de conseguir a bolsa, não tinha “ambições muito grandes”. Ao passo em que diz que consegue se imaginar numa faculdade e viajando, tais realidades ainda são muito distantes para seus colegas da favela e da escola pública.

Dos três jovens, Carlos foi o único em que não foi percebida essa estratégia tão forte de “blindagem” por parte de seus responsáveis. Dentre todos, as avaliações do jovem também mencionavam a existência de realidades percebidas no mundo escolar que diferiam daquelas percebidas em seus ambientes de origem. Mesmo com toda essa gama de hábitos e valores tão diferentes de seus ambientes de origem – que muitas vezes vão aparecer enquanto barreiras – os jovens aceitaram permanecer em suas escolas, atribuindo sentido majoritariamente positivo ao fato.

Qualificando melhor o que chamo de barreiras materiais e simbólicas, recorro ao estudo desenvolvido por Norbert Elias (2000) sobre “estabelecidos” e “outsiders”. Nesse escrito, valendo-se de uma perspectiva configuracional, é feita uma análise da relação entre dois grupos residentes em uma pequena cidade. A partir desse estudo de caso, Elias destaca algumas “constantes estruturais nas relações entre estabelecidos e outsiders”. A “constante” que me valho para pensar os casos dos jovens bolsistas é aquela que Elias nomeia de “meios de controle social”. Tais “meios” servem para manter a devida distância entre os grupos, reafirmando dessa maneira o tabu entre “estabelecidos” e “outsiders”. Nas palavras do próprio autor:

Assim, nessa pequena comunidade, deparava-se com o que parece ser uma constante universal em qualquer figuração de estabelecidos-outsiders: o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social [...] e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa... (ELIAS, 2000, p. 20)

Transpondo essas considerações tecidas a partir de um estudo desenvolvido na década de 1950 em uma pequena cidade inglesa para a realidade que serve de base para o presente artigo, algumas considerações podem ser aproveitadas tendo em vista os objetivos desta pesquisa. Essas barreiras muitas vezes são produzidas de formas dinâmicas, consequência de uma configuração muito maior que extrapola o mundo da escola. Também pode-se supor que não haja, por parte dos indivíduos que as performam, a intencionalidade de machucar ou causar desconfortos para aqueles que a escutam ou veem. De qualquer maneira, para os objetivos deste escrito, o que interessa em termos

sociológicos é justamente como os indivíduos que recebem essas barreiras, esses “meios de controle social”, lidam e o que fazem a partir disso.

Nos casos aqui considerados, o limite entre os grupos estabelecidos (aqueles estudantes não bolsistas e que têm capital econômico superior ao dos bolsistas) e outsiders (estudantes que têm bolsas de estudo e capital econômico inferior a maioria dos estudantes) não se caracteriza por uma rigidez ferrenha. Contudo, ainda assim se observam algumas realidades, certos “meios de controle social”, que servem para lembrar aos “outsiders” que lugar ocupam e devem continuar ocupando no ambiente escolar.

Ainda que de maneira não deliberada e consciente, a “ingênua” pergunta “para onde você foi nas férias?”, como relatado por Luan, cumpre essa função. O “deslumbramento” de Vanessa pela ida à casa de uma amiga, ao mesmo tempo em que não cogita sequer levar amigas em sua própria residência, também lembram a jovem de que existem lugares onde ela pode visitar (a casa da amiga) mas que não são “seus”. Da mesma maneira que não são seus, não fazem parte da sua vida, desde os alimentos importados na geladeira até os padrões de comportamento percebidos à mesa. O incômodo renitente de Paulo com relação à proibição de falar gírias e “ser mais julgado” do que os “outros” faz com que o jovem encare uma nítida barreira que demonstra que, por mais que se sente nas mesmas cadeiras e leia os mesmos livros que seus colegas de classe, ele em muitos momentos é um outsider.

A partir dos exemplos colhidos nas falas dos entrevistados fica nítido que tais experiências – seja o uso de vestimentas caras, onde se vai lanchar diariamente, os lugares para se divertir à noite “com a galera”, até os olhares de reprovação – se configuram enquanto situações limítrofes em que eles se deparam com a existência de “mundos diferentes”⁶. Há de se sublinhar o fato de que esse entendimento só é possível a partir dos sentidos por eles atribuídos a essas barreiras. Aqui o “sentido” é mais do que uma palavra, sendo entendido mesmo como uma categoria social.

Quando analisada à luz de uma perspectiva sociológica que olha para como os indivíduos avaliam suas experiências, a categoria de sentido nutre-se de uma substância que se constitui “por pessoas em grupos mutuamente dependentes de uma forma ou de outra, e que podem comunicar-se entre si” (ELIAS, 2001, p.63). Essa definição de Elias para “sentido” dialoga com a sua proposta teórico-metodológica de observar o mundo social a partir de uma perspectiva de “interdependência” entre os indivíduos. Com isso se quer salientar que qualquer análise interpretativa sobre fenômenos sociais e históricos deve primar pelo entendimento de que os indivíduos estão em constantes relações no mundo social e que essas relações possuem influência nas ações e pensamentos que esses indivíduos empreendem para agirem de tal ou qual maneira.

É necessariamente a partir do relacionamento dos estudantes bolsistas com estudantes não bolsistas que emergem essas experiências e suas conseqüentes atribuições de sentidos. Nesse ponto, um “tênis” é muito mais do que um tênis, comunicando

⁶ Essa expressão foi recorrente nas três entrevistas quando os entrevistados comparavam situações que viviam na escola com outros espaços de sociabilidade, como o lar.

hierarquias e valores. Uma “simples” ida ao McDonald’s representa um poder aquisitivo que comunica aos estudantes bolsistas que seus colegas não bolsistas podem fazer esse ato quase que diariamente e eles não. O uso de uma gíria tão “natural”, em verdade nada tem de “natural”, porque há aqueles que podem assim falar e não serem prejudicados e há outros que devem manter rígida atenção quanto ao vocabulário empregado.

Esses “outros”, os outsiders, aqueles que não têm condições de adentrarem aquele espaço pagando uma mensalidade, encontram essas barreiras e aceitam transpô-las porque acreditam que o estudo será a estratégia que pavimentará os caminhos para uma vida financeiramente melhor, em comparação a seus pais e mães. Nesse sentido, algumas estratégias desenvolvidas pelos estudantes bolsistas para superarem tais barreiras merecem ser sublinhadas.

A principal estratégia de Paulo foi a de compreender muito bem as regras, o que ele poderia e não poderia fazer no ambiente escolar e seguir esses parâmetros. Mesmo percebendo situações que o incomodam muito, como o que denomina por “gourmetização da pobreza”, Paulo opta muitas vezes por calar. Como ele mesmo disse, o principal aprendizado que extraiu de seu tempo na escola privada foi o de lidar com pessoas da classe média, reconhecendo e aprendendo padrões de conduta. Esses padrões são por ele valorizados porque os ambientes institucionais que poderão garantir a ele um futuro mais promissor (seja a universidade, seja uma entrevista de emprego) requerem comportamentos de “classes mais altas” – comportamentos esses que ele está aprendendo diariamente em seu convívio escolar.

Se o caso de Paulo não deixa tão evidente o foco e a necessidade do estudo enquanto estratégia para a superação das barreiras que evidenciam mundos diferentes, os casos de Vanessa e de Luan o fazem. Vanessa é explícita ao definir os estudos como uma estratégia que fará com que ela ocupe o mesmo patamar de seus colegas de classe. Se esse nivelamento não é possível em termos econômicos, isso se dará através de sua performance nos estudos. Luan também afirma que “mesmo que a lágrima caia” é preciso estar forte e sempre investindo nos estudos, para que nenhuma situação, nenhuma barreira, seja forte o suficiente para interromper seus sonhos de cursar economia em uma faculdade.

Observando essas estratégias, pode-se destacar algumas características importantes quando nos impomos a tarefa de compreender sociologicamente por que alguns estudantes de camadas populares conseguem ir mais longe do que outros em suas trajetórias escolares. Indubitavelmente, há nos três casos expostos uma inteligência institucional que os municia para permanecer na escola. Por inteligência institucional entende-se:

A inteligência institucional revela, portanto, mais do que algumas disposições para o conformismo ou a introjeção da subordinação, uma aguda sensibilidade para o jogo nos campos institucionais, onde a consecução dos objetivos imediatos é mais importante, em determinados momentos, do que a defesa de posições mais profundamente arraigadas. (SILVA, 2018, p. 155)

Podemos perceber essa inteligência quando Paulo entende que não pode falar gírias no ambiente escolar e assim procede, mesmo que seus colegas o façam e sejam “menos julgados” pelos “outros”. Essa situação causa desconforto no jovem, mas ele não se rebela e aceita. Essa postura passiva está presente em Paulo também em tantas outras situações em que o jovem se incomoda quando amigos seus que não moram na favela usam linguajar ou se vestem de acordo com o estereótipo do “favelado”. Ele não entra em conflito por saber que aquilo poderá causar problemas dentro da escola. Essa “regra do jogo” a ser cumprida também está presente nos casos de Luan e de Vanessa, quando entendem que uma das maiores moedas que podem ter na economia escolar são as notas tiradas nas avaliações. Entendendo essa lógica, investem nos estudos de maneira sistemática, relatando que, além de passarem o período da manhã e da tarde na escola, estudam quando chegam em casa.

Outro ponto a ser destacado nessas estratégias é que por mais que as barreiras relatadas possam causar constrangimento aos jovens, eles nutrem por suas instituições escolares um significativo sentimento de identificação. Esse sentimento é construído basicamente de duas formas. Nos momentos de “integração” que a escola promove – seja no âmbito mais informal dos corredores e das salas de aula, seja em eventos formais do tipo “festas literárias”, “festas juninas e afins – e no reconhecimento de que é esse o espaço que dotará esses indivíduos de capitais significativos para seus futuros. Falo aqui tanto do capital social, exemplificado nas redes de contato que os estudantes têm acesso a partir de seus relacionamentos na escola, como também do capital cultural institucionalizado nos diplomas que conseguirão ao final da etapa do ensino médio. (BOURDIEU, 2015; 2017)

Conclusão

Os relatos dos três jovens se constituem enquanto uma oportunidade de reflexão sobre uma questão delimitada: como se dá a interação entre estudante bolsistas e estudantes não bolsistas em duas escolas privadas, notadamente com público da classe média, da região da Grande Tijuca, área da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Mais especificamente, a partir desses relatos foi destacado dois pontos chaves: a percepção desses jovens de que existem situações desagradáveis que notam em suas escolas a partir de seus relacionamentos com outros estudantes – as quais chamo de barreiras materiais e simbólicas – bem como estratégias desenvolvidas por eles para que houvesse a ultrapassagem dessas barreiras.

Desse modo, usando o referencial teórico construído por Elias, enquadro essas situações desagradáveis relatadas pelos jovens como “meios de controle social” que servem para manter certo tabu entre grupos na sociedade. Esses “meios”, Elias dirá, são uma constante nas relações entre “estabelecidos” e “outsiders”. A condição de ser um “outsider” dá-se inicialmente pela entrada desses jovens em suas escolas através do mecanismo da bolsa de estudos. Em um ambiente privado onde a regra padrão é entrar pagando uma mensalidade, aqueles que não entram por esse meio já se encontram em

posição e situação diferente dos que pagam mensalidades. Além disso, outra condição incorporada pelos três jovens, e que não era uma exigência do início da pesquisa, também fazia com que eles fossem vistos como “intrusos” em um ambiente notadamente de classe média: eram moradores de favela.

Evidentemente que para aprofundar essa reflexão sobre os estudantes bolsistas e sua condição de “outsiders” deveriam ter sido feitas entrevistas com os não bolsistas para verificar suas percepções sobre o grupo dos bolsistas. No entanto, essa empreitada extrapola os limites do presente trabalho.

De toda forma, puderam ser destacadas algumas barreiras que, a partir dos sentidos atribuídos por esses jovens, representam que em suas escolas privadas eles passeiam por um ambiente no mínimo diferente do qual estão acostumados em outros espaços de suas vidas. Exemplificando a afirmação, destaco o sentimento de “gourmetização da pobreza” analisado por Paulo, a fala assustada de Vanessa sobre o fato de que muitos em sua escola tem iphone e vão lancha em lugares caros e de percepções de Luan sobre a vestimenta dos amigos e da impossibilidade de conversar sobre o destino das férias. Além disso, um constrangimento presente nos três entrevistados foi o de não levarem seus colegas para suas residências, todas em favelas do Rio de Janeiro.

Essas percepções de barreiras que servem como meios de controle social puderam ser acessadas a partir da compreensão de que tais interpretações são produzidas pelos sujeitos aqui analisados a partir de suas interações com os grupos de estudantes em suas escolas. Tributário das contribuições de Elias ao debate, afirmo que os sentidos atribuídos pelos indivíduos pesquisados não se produzem no vácuo, em um pretense estado de solidão. Esses sentidos são produzidos porque há a interação entre pessoas. Dessa forma, sinais, falas e olhares trocados entre si adquirem sentido.

Mesmo percebendo essas barreiras, os jovens bolsistas aceitam empreender estratégias para superá-las. Essa disposição evidencia uma condição presente em suas trajetórias: a instituição escolar tem importância para eles. Suas individualidades são construídas levando em consideração os ensinamentos e os possíveis lucros a serem obtidos pelo fato deles permanecerem na escola. A partir das estratégias para a superação das dificuldades, duas condições destacam-se: a inteligência institucional desses estudantes, ao compreenderem as “regras do jogo” e saberem usá-las a seu favor, e o sentimento de identificação com a escola, a despeito dessas barreiras que os lembram que ali impera certo *ethos* que diverge daqueles que estão acostumados.

Como Luan falou em sua entrevista, “se aqui não era meu lugar, a partir de hoje pode ser.” Dessa forma, caminhando com cautela e superando as dificuldades que surgem no caminho, eles caminham como se estivessem em uma corda bamba, em que a bandeira quadriculada dessa corrida é o alcance de uma vida financeira e material mais confortável do que aquela usufruída por seus progenitores. De qualquer maneira, para isso ocorrer, devem passar pela etapa de finalização de suas escolarizações básicas, conseguindo um diploma e uma possível porta de entrada no ensino superior.

Referências

- ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. “Usos e abusos dos estudos de caso”. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 36, nº 129, p. 637-651, 2006.
- ALVES, R.; PIOTTO, D. “Estudantes das camadas populares no ensino superior público: qual a contribuição da escola?”. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. vol. 15, nº 1, p. 81-89, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”. *In*: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 112-121, 1983.
- CHARLOT, Bernard. “Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia”. **Cadernos de Pesquisa**, nº 97, p. 47-63, 1996.
- DAYRELL, Juarez. “O jovem como sujeito social”. **Revista Brasileira de Educação**, nº 24, p.40-52, 2003.
- DAYRELL, Juarez. “A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”. **Educação e Sociedade**. vol 28, nº 100, p. 1105-1128, 2007.
- DUBET, François. “A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização”. **Contemporaneidade e Educação**. Ano 3, vol.3, p. 27-33, 1998.
- DUBET, François. “A escola e a exclusão”. **Cadernos de Pesquisa**, nº 119, p. 29-45, 2003.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- KAUFMANN, Jean Claude. **A entrevista compreensiva. Um guia para pesquisa de campo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- SILVA, Jailson de Souza e. **Por que uns e não outros? caminhada de jovens pobres para a universidade**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2018.

Recebido em: 31/10/2019

Aprovado em: 26/11/2020